

# **FASUL EDUCACIONAL** **(Fasul Educacional EaD)**

---

## **PÓS-GRADUAÇÃO**

### **TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS) – LÍNGUA PORTUGUESA**

#### **CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

## TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS) – LÍNGUA PORTUGUESA

<b>DISCIPLINA:</b> ESTUDOS LINGUÍSTICOS APLICADOS À LIBRAS
<b>RESUMO</b> Ouvir é uma importante fonte de experiências sociais. Nenhuma incapacidade produz tantas dificuldades específicas em relação à comunicação e à linguagem do que a deficiência auditiva. Aprendemos a falar, a compreender a fala dos outros, a comunicar experiências e ideias; assim, podemos repassar o que ouvimos. Nesta disciplina veremos que é principalmente por meio da audição que adquirimos a linguagem, característica mais marcante ao ser humano. Não ter acesso à linguagem é não desenvolver em toda plenitude a capacidade linguística; é perder o direito de ser pessoa, em toda a abrangência da palavra. Os surdos estabelecem um sistema linguístico e, por meio do processamento das informações visuais-verbais, poderão acessar a simbolização e os conceitos.
<b>CONTEÚDO PROGRAMÁTICO</b>
<b>AULA 1</b> LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS MITO: LÍNGUA DE SINAIS ÚNICA E UNIVERSAL SURDO NO BRASIL DIA NACIONAL DA LIBRAS
<b>AULA 2</b> ALGUNS CONCEITOS DE IDENTIDADE E COMUNIDADES SURDAS CULTURA SURDA EDUCAÇÃO INCLUSIVA ESCOLAS PARA SURDOS
<b>AULA 3</b> LITERATURA VISUAL PARA O ENSINO DE LIBRAS LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS DESENVOLVIMENTO DAS ETAPAS DE ENSINO DA L1 PARA SURDOS EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS
<b>AULA 4</b> COMO TRABALHAR COM SURDOS? BREVE PANORAMA DAS LEIS EM VIGÊNCIA NO BRASIL O CURRÍCULO E O DECRETO N. 5.626/2005 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E PARCERIA ENTRE PROFESSOR E TRADUTOR INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS (TILS)
<b>AULA 5</b> O SURGIMENTO DA PROFISSÃO NO BRASIL PORTARIA N. 1.679, DE 2/12/1999 – MEC – ACESSO AO ENSINO SUPERIOR, ATUALIZADA PELA PORTARIA N. 3.284, DE 7/11/2003 PRESSUPOSTOS DA INCLUSÃO A LEGISLAÇÃO BRASILEIRA EM RELAÇÃO AO ALUNO SURDO
<b>AULA 6</b>

ANÁLISE HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA  
POLÍTICAS PÚBLICAS NA EDUCAÇÃO  
POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA  
A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS E O ATENDIMENTO EDUCACIONAL  
ESPECIALIZADO

**BIBLIOGRAFIAS**

- BRITO, K. F. S. et al. Regionalizações e variações linguísticas existentes na língua brasileira de sinais – Libras. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 63, 2011, Goiânia. Anais/Resumos... São Paulo: SBPC/UFG, 2011. Disponível em: <http://www.sbpcnet.org.br/livro/63ra/resumos/resumos/1245.htm>.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. (Org.). Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira. Volume II: Sinais de M a Z. 2. ed. São Paulo, SP: Edusp; Imprensa Oficial; Feneis, 2001.
- CARVALHO, P. V. de. Breve história dos surdos no mundo. Lisboa: Surd'Universo, 2007.

**DISCIPLINA:**

DEFICIÊNCIA VISUAL COM ÊNFASE EM BRAILLE

**RESUMO**

A deficiência visual, no Brasil, está presente em cerca de 18% da população, de acordo com o Censo de 2010. Dentre as pessoas que compõem a população brasileira, 24% declararam ter algum tipo de deficiência, sendo que, dessas, mais de 78% têm deficiência visual, ou seja, a maior parcela de pessoas com deficiência em nosso país é composta por deficientes visuais (IBGE, 2010). Esses dados mostram um número expressivo de pessoas que necessitam de melhores condições de vida, no que se refere a acessibilidade, reabilitação, lazer ou convivência social, ou seja, há uma parcela significativa da população que precisa de atendimento na área de deficiência visual. No decorrer da história da humanidade, a deficiência foi percebida de diversas formas e as pessoas com deficiência foram, por muito tempo, excluídas da sociedade, confinadas e até mortas, por serem consideradas inaptas para o convívio social. A deficiência, caracterizada por uma alteração anormal de uma estrutura física, sensorial ou patológica, quando ocorre no sistema óptico humano, pode causar a cegueira total, ou apresentar limitações severas, evidenciando a baixa visão.

**CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

**AULA 1**

CONCEITOS SOBRE DEFICIÊNCIA  
CARACTERIZAÇÃO DA DEFICIÊNCIA VISUAL  
PRINCIPAIS CAUSAS DA DEFICIÊNCIA VISUAL  
DEFICIÊNCIA VISUAL NO BRASIL E NO MUNDO

**AULA 2**

O DEFICIENTE NA HISTÓRIA  
SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO DO DEFICIENTE VISUAL  
A PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO BRASIL  
A EDUCAÇÃO PARA A PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO BRASIL  
INTEGRAÇÃO X INCLUSÃO

**AULA 3**

O PROCESSO ALFABETIZAÇÃO E A CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL  
O SISTEMA BRAILLE  
MÃOS QUE LÊEM

A ALFABETIZAÇÃO POR MEIO DO SISTEMA BRAILLE  
MAIS RECURSOS PARA AUXILIAR A ALFABETIZAÇÃO EM BRAILLE

**AULA 4**

TECNOLOGIA ASSISTIVA

TIFLOTECNOLOGIA

RECURSOS PARA A PESSOA COM BAIXA VISÃO

RECURSOS FACILITADORES POR MEIO DA AUDIÇÃO

RECURSOS TÁTEIS – A VISÃO NA PONTA DOS DEDOS

**AULA 5**

OM – O QUE É? PARA QUE SERVE?

CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA APRENDIZAGEM DE OM

DESENVOLVIMENTO DAS OUTRAS PERCEPÇÕES PARA OM

PROGRAMAS DE OM PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

OM E EDUCAÇÃO INCLUSIVA – CURRÍCULO E AVALIAÇÃO

**AULA 6**

PROGRAMA DE ESTIMULAÇÃO VISUAL

AVALIANDO A CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL

ESTIMULAÇÃO PRECOCE: QUANTO ANTES, MELHOR!

PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO

PROGRAMA DE ESTIMULAÇÃO VISUAL

**BIBLIOGRAFIAS**

- ACSM – American College of Sports Medicine. ACSM's exercise management for person with chronic diseases and disabilities. USA: Human Kinetics, 1997.
- BRUNO, M. M. G.; MOTA, M. G. B. da. Colaboração: Instituto Benjamin Constant. Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental: deficiência visual. vol. 1, fascículos I – II – III. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2001.
- BUENO, J. G. S. A educação especial na sociedade moderna: integração, segregação do aluno diferente. São Paulo: EDUC, 1993.

**DISCIPLINA:**

LIBRAS

**RESUMO**

Esta disciplina tem por objetivo servir como material didático e proporcionar ao estudante um panorama geral da Língua Brasileira de Sinais (Libras), em sua materialidade linguística, através de estudos voltados para questões estruturais, e ainda, em seus diversos espaços de circulação como produto cultural.

**CONTEUDO PROGRAMÁTICO**

**AULA 1**

TERMINOLOGIAS

O QUE É LIBRAS? POR QUE LIBRAS É UMA LÍNGUA?

MARCOS HISTÓRICOS

INES: INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS

AS LÍNGUAS DE SINAIS NO MUNDO E O GESTUNO

**AULA 2**

COMO SE COMUNICAR CORRETAMENTE COM OS SURDOS?  
AS IDENTIDADES SURDAS  
COMUNIDADE SURDA  
CULTURA SURDA  
O BILINGUISMO E A EDUCAÇÃO DE SURDOS

**AULA 3**

PARÂMETROS DA LIBRAS  
ALFABETO MANUAL  
NUMERAIS CARDINAIS, NUMERAIS PARA QUANTIDADES, NUMERAIS ORDINAIS  
APRESENTAÇÃO PESSOAL  
CUMPRIMENTOS

**AULA 4**

EXPRESSÕES GRAMATICAIS EM LIBRAS  
ADVÉRBIOS DE TEMPO  
DIAS DE SEMANA  
CALENDÁRIO  
QUE HORA E QUANTAS HORAS

**AULA 5**

CLIMA/NATUREZA  
PRONOMES PESSOAIS E POSSESSIVOS EM LIBRAS  
CORES  
VALORES E SISTEMA MONETÁRIO  
FAMÍLIA E RELAÇÕES DE PARENTESCO

**AULA 6**

MEIOS DE TRANSPORTES  
PROFISSÕES  
ASPECTOS GEOGRÁFICOS DO BRASIL  
CODAS  
TRADUTOR/INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS E PORTUGUÊS (TILSP)

**BIBLIOGRAFIAS**

- BRASIL. Decreto n. 5.626. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098 de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 22 dez. 2005.
- HONORA, M.; FRIZANCO, M. L. E. Livro ilustrado de língua brasileira de sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.
- PIMENTA, N.; QUADROS, R. M. de. Curso de Libras 2: básico. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2009.

**DISCIPLINA:**

SURDEZ E DEFICIÊNCIA AUDITIVA NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

**RESUMO**

O atual contexto, tanto social quanto educacional, denota a necessidade do reconhecimento das diferenças e da diversidade. No caso das pessoas Surdas, um dos maiores obstáculos para a efetivação dos seus direitos é reconhecer a Língua e Cultura como aspectos fundamentais na constituição desse sujeito, que, por muitos anos, foi privado da comunicação na sua Língua natural – a Língua de Sinais, de forma que os aspectos fisiológicos eram considerados em detrimentos dos sociais e culturais.

### CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

#### **AULA 1**

CAUSAS E PREVENÇÕES DA SURDEZ  
SURDEZ NO MUNDO  
SURDEZ NO BRASIL  
ASPECTOS LEGAIS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

#### **AULA 2**

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS  
CONCEITOS, REGRAS E ESTRUTURA DA LIBRAS  
O PAPEL DA COMUNIDADE SURDA  
VIVÊNCIAS E RELATOS DE SURDOS

#### **AULA 3**

REGRAS DE LINGUAGEM APLICADAS NAS LÍNGUAS DE SINAIS  
BILINGUISMO  
INCLUSÃO ESCOLAR DA PESSOA SURDA  
O SURDO NO MERCADO DE TRABALHO

#### **AULA 4**

LEIS QUE ASSEGURAM O ACESSO DO SURDO NO MERCADO DE TRABALHO  
ADAPTAÇÕES NO MERCADO DE TRABALHO PARA AS PESSOAS SURDAS  
ADAPTAÇÕES NA SOCIEDADE PARA PESSOAS SURDAS  
OS AVANÇOS QUE AS ADAPTAÇÕES TROUXERAM PARA A SOCIEDADE OUVINTE

#### **AULA 5**

RECONHECIMENTO DA SURDEZ EM PESSOAS ADULTAS  
INTERVENÇÕES DE REABILITAÇÃO PARA PESSOAS SURDAS  
TRANSTORNOS ASSOCIADOS À SURDEZ  
O PAPEL DA FAMÍLIA APÓS O DIAGNÓSTICO

#### **AULA 6**

A COMUNICAÇÃO NO ATENDIMENTO À SAÚDE DE PESSOAS SURDAS  
DIREITOS GARANTIDOS POR LEI PARA PESSOAS SURDAS  
CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DA PESSOA SURDA  
SURDO OU DEFICIENTE AUDITIVO: A NOMENCLATURA CORRETA

### BIBLIOGRAFIAS

- BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BARROS, J. P.; HORA, M. M. Pessoas Surdas: Direitos, Políticas Sociais e Serviço Social. Monografia do Serviço Social UFPE. Recife, 2009.

### DISCIPLINA:

LINGUAGEM E RACIOCÍNIO
<b>RESUMO</b>
Iniciaremos nosso estudo sobre linguagem apresentando alguns aspectos introdutórios sobre essa área. Faremos primeiramente uma abordagem geral sobre seus conceitos básicos, construindo ao longo das aulas um escopo minucioso sobre suas propriedades mais relevantes, alinhando-as aos conceitos focados na sua aprendizagem por meio de um paradigma cognitivista, ou seja, entender os processos cerebrais relevantes à linguagem, como a aquisição da linguagem ocorre no cérebro, quais são suas áreas e suas respectivas relações com o raciocínio.
<b>CONTEÚDO PROGRAMÁTICO</b>
<b>AULA 1</b> RACIOCÍNIO MEMÓRIA A PREDISPOSIÇÃO MENTAL PARA A LINGUAGEM FUNÇÕES COGNITIVAS
<b>AULA 2</b> ASPECTOS NEUROPSICOLÓGICOS DA APRENDIZAGEM HUMANA LINGUAGEM E COGNIÇÃO: UM ENUNCIADO INTRODUTÓRIO LINGUAGEM E MENTE PROGRAMA GERATIVISTA
<b>AULA 3</b> OBJETO DE ESTUDO DA NEUROPSICOLOGIA DA LINGUAGEM NEUROLINGÜÍSTICA PROGRAMAÇÃO BIOLÓGICA PARA AQUISIÇÃO DE LÍNGUAS PIAGET E VYGOTSKY: COGNITIVISMO CONSTRUTIVISTA E AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM
<b>AULA 4</b> NEUROANATOMIA E FACULDADE DA LINGUAGEM ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS SOBRE A COGNIÇÃO E A LINGUAGEM BIOLOGIA E EVOLUÇÃO DA LINGUAGEM EVOLUÇÃO COGNITIVA HUMANA
<b>AULA 5</b> O PAPEL DO SISTEMA AUDITIVO: DECODIFICANDO SONS REPRESENTAÇÃO MENTAL DA LINGUAGEM LÍNGUA COMO UM SISTEMA CARACTERÍSTICAS FUNDAMENTAIS DA LINGUAGEM
<b>AULA 6</b> O PAPEL DO LÉXICO NA LINGUAGEM BILINGUISTO E EDUCAÇÃO BILÍNGUE NATUREZA SOCIAL DA LINGUAGEM E COGNIÇÃO NEUROCIÊNCIA E LINGUAGEM
<b>BIBLIOGRAFIAS</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• AMARAL, V. L. do. Psicologia da educação. Natal, RN: EDUFRRN, 2007.</li></ul>

- CHOMSKY, N.; MCGILVRAY, J. A ciência da linguagem: conversas com James McGilvray. São Paulo: Unesp, 2014.
- FIORIN, J. L. Introdução à linguística I: objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2002.

**DISCIPLINA:**

COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA NO ENSINO DE LÍNGUAS

**CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

**AULA 1**

INOVAÇÃO E TECNOLOGIA

DESAFIOS DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICS) NO CONCEITO EDUCATIVO

CONTRIBUIÇÕES DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS PARA O ENSINO DE LÍNGUAS PRÁTICAS DE ENSINO DE LÍNGUAS UTILIZANDO AS TECNOLOGIAS DIGITAIS

**AULA 2**

INTERAÇÃO E O PROCESSO EDUCATIVO

MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA COM O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

PREPARO DE MATERIAL DIDÁTICO INTERATIVO PARA O ENSINO DE LÍNGUAS

NOVOS GÊNEROS TEXTUAIS NO CONTEXTO DA TECNOLOGIA DIGITAL

**AULA 3**

USO DE REDES SOCIAIS PARA O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA E ESTRANGEIRA LEITURA E NAVEGAÇÃO: VAMOS DIFERENCIAR OS PROCESSOS?

JOGOS DIGITAIS NO PROCESSO EDUCATIVO

COMO FICA O PLANEJAMENTO DAS AULAS EM PLATAFORMAS DIGITAIS?

**AULA 4**

TEXTO E HIPERTEXTO NA PRÁTICA

TEXTOS COLETIVOS: QUADRO INTERATIVO E WIKI

LINGUAGEM DA INTERNET E O ENSINO DE LÍNGUAS

USO DE VÍDEOS: O EXEMPLO DO TIKTOK

**AULA 5**

OS SOFTWARES E O IMPACTO NO ENSINO DE LÍNGUAS

BENEFÍCIOS DE VÍDEOS ON-LINE PARA O ENSINO DE LÍNGUAS

O USO DE BLOG NO PROCESSO EDUCATIVO

MEMES, GIFS E JARGÕES DA INTERNET

**AULA 6**

ENSINO E PESQUISA

AS NOVAS GERAÇÕES DE ALUNOS E O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE COMUNICAÇÃO

O PAPEL DO PROFESSOR: LIDANDO COM AS INCERTEZAS DA IMPREVISIBILIDADE DO FUTURO

NOVOS DESAFIOS, NOVAS OPORTUNIDADES

**DISCIPLINA:**

JOGOS EDUCACIONAIS E OS PROCESSOS DE INCLUSÃO

**RESUMO**

Os jogos educacionais são aqueles que têm como objetivo algum tipo de aprendizagem, seja como forma de apropriação de conceitos, reforço, seja como revisão de algum conhecimento estudado. Esses jogos apresentam-se de diversas formas e podem ser utilizados pelos professores nas escolas. Nesse sentido, todo jogo empregado na escola aparece como um recurso para a realização das atividades educativas e um elemento fundamental ao desenvolvimento do aluno. Assim, qualquer jogo empregado pela escola apresenta um caráter educativo e pode receber a denominação geral de jogo educativo (Kishimoto, 2004).

**CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

**AULA 1**

CARACTERÍSTICAS DOS JOGOS EDUCACIONAIS  
MOTIVAÇÃO E DIVERSÃO NOS JOGOS EDUCACIONAIS  
JOGOS EDUCACIONAIS E APRENDIZAGEM  
POTENCIALIDADES DOS JOGOS EDUCACIONAIS

**AULA 2**

O USO DE JOGOS NO ENSINO FUNDAMENTAL  
CONSTRUÇÃO DE UM JOGO DE TABULEIRO NO ENSINO MÉDIO  
JOGO NO ENSINO SUPERIOR - GAME COMENIUS  
JOGO DIGITAL NA EAD - SAGA DOS CONSELHOS

**AULA 3**

JOGOS PARA PROCESSOS DE INCLUSÃO - TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA  
JOGOS PARA OS PROCESSOS DE INCLUSÃO - SÍNDROME DE DOWN  
JOGOS PARA OS PROCESSOS DE INCLUSÃO - DEFICIÊNCIA AUDITIVA  
JOGOS PARA OS PROCESSOS DE INCLUSÃO - DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

**AULA 4**

OS PRINCÍPIOS DE APRENDIZAGEM DE GEE (2007) APLICADOS AO JOGO DIGITAL  
MINECRAFT  
MINECRAFT NA EDUCAÇÃO: POTENCIALIDADES PEDAGÓGICAS  
MINECRAFT: UMA ESTRATÉGIA DE ENSINO?  
MINECRAFT EM SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA PARA ESTIMULAR A  
APRENDIZAGEM DA MATEMÁTICA

**AULA 5**

ENSINANDO PROGRAMAÇÃO POR MEIO DO USO DO SCRATCH  
APRENDENDO PROGRAMAÇÃO DE UMA FORMA MAIS MOTIVADORA E LÚDICA  
APRENDENDO MATEMÁTICA A PARTIR DO USO DO SCRATCH  
OFICINAS PARA PROFESSORES SOBRE O SCRATCH

**AULA 6**

JOGOS EDUCACIONAIS MUDANDO A MANEIRA DE AVALIAR O ALUNO  
JOGOS EM SALA DE AULA POR QUE NÃO UTILIZAMOS MAIS?  
A IMPORTÂNCIA DO FEEDBACK NOS JOGOS  
UMA EXPERIÊNCIA COM USO DO JOGO: DO PROJETO À AVALIAÇÃO

**BIBLIOGRAFIAS**

- ABREU, C. N. et al. Dependência de internet e de jogos eletrônicos: uma revisão. Revista Brasileira de Psiquiatria, v. 30, n. 2. São Paulo, 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462008000200014](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462008000200014).
- ANASTÁCIO, B. S. Contextos lúdicos de aprendizagem: uma aproximação entre os jogos eletrônicos e educação a distância. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/172787>.
- BATISTA, M. D. G. Diversão levada a sério: o jogo eletrônico como ambiente de aprendizagem. Revista Hipertextus, n. 6, ago., 2011.

<b>DISCIPLINA:</b> FUNÇÕES COGNITIVAS, SENSORIAIS E MOTORAS
<b>RESUMO</b>
Qual é a relação da motricidade com os processos do pensamento? O comportamento motor tem, diretamente, uma relação com as emoções, a afetividade, o social? A resposta assertiva para essas questões é sim. O motivo que se pode investigar é que há uma interligação do pensar e da efetividade motriz. Para Wallon (Fonseca, 2008, p.15-16), a motricidade corresponde à primeira sequência paralela e simultânea que é criada estruturalmente relacionada com o meio, e é considerada um instrumento essencial dos processos de pensamento e suas interações com a vida de um modo geral. Outro ponto importante também citado por Fonseca (2008, p. 16-17) são as fases de maturação biológica referentes ao movimento e ao pensamento, desde os meses iniciais de vida, bem como na primeira fase do bebê na qual ele passa de deitado para sentado. Posteriormente, ele evolui do sentar para o engatinhar, em seguida para o andar e o correr, mas isso ocorre de acordo com a maturação e o envolvimento do ser junto ao meio social, ou seja, há uma demanda do ambiente por meio da influência de outros humanos ou até mesmo de estímulos relacionados a objetos, como brinquedos, roupas e outros acessórios, uma vez que a criança procura se relacionar com os objetos, o que é uma sociointeração, e, assim, tem construções de pensamento. A partir disso, tem uma maturação de outros processos cognitivos, como linguagem, memória, atenção, percepção, planejamento etc.
<b>CONTEÚDO PROGRAMÁTICO</b>
<b>AULA 1</b> DESENVOLVIMENTO NEUROPSICOMOTOR E O APRENDIZADO EM DIVERSOS CONTEXTOS ASPECTOS NEUROBIOLÓGICOS DO COMPORTAMENTO MOTOR EMOÇÕES, AFETIVIDADE E O COMPORTAMENTO MOTOR PROCESSOS INTEGRADORES DA LINGUAGEM E O DESENVOLVIMENTO NEUROPSICOMOTOR PRÁTICAS PSICOPEDAGÓGICAS E PSICOMOTRICIDADE
<b>AULA 2</b> LUDICIDADE E PSICOMOTRICIDADE PSICOGÊNESE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO CONTRIBUIÇÕES DA EPISTEMOLOGIA GENÉTICA DE PIAGET AO PROCESSO NEUROPSICOMOTOR APRENDIZAGEM E COORDENAÇÃO MOTORA FINA PLASTICIDADE CEREBRAL E COMPORTAMENTO NEUROPSICOMOTOR
<b>AULA 3</b>

PROCESSOS COGNITIVOS E COMPORTAMENTO MOTOR: PENSAR, AGIR E EXECUÇÃO  
BRINCADEIRA É COISA SÉRIA PARA A MENTE: QUANDO O BRINCAR CONTRIBUI PARA A MOTRICIDADE  
EDUCAÇÃO PSICOMOTORA E SUAS HABILIDADES MENTAIS VISUAIS  
PSICOMOTRICIDADE E FUNCIONAMENTO CORTICAL: INTEGRAÇÃO BIOLÓGICA E O SOCIAL  
PSICOMOTRICIDADE, PROCESSOS COGNITIVOS E NEUROFUNCIONALIDADE: A CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA RUSSA

#### **AULA 4**

NEUROPSICOMOTRICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTO JUVENIL: UM PREPARO PARA AS DEMAIS FASES DO DESENVOLVIMENTO  
NEUROPSICOMOTRICIDADE, APRENDIZAGEM E ENVELHECÊNCIA  
INTERVENÇÕES PSICOMOTORAS NAS FASES DO DESENVOLVIMENTO EM RELAÇÃO À DEFICIÊNCIA INTELECTUAL  
TRANSTORNOS DE COORDENAÇÃO MOTORA E O APRENDER  
DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR E FORMAÇÃO DE EDUCADORES

#### **AULA 5**

NEUROPSICOMOTRICIDADE NO CONTEXTO FAMILIAR  
NEUROPSICOMOTRICIDADE COMO FERRAMENTA DO DESENVOLVIMENTO ESCOLAR  
NEUROPSICOMOTRICIDADE, DEFICIÊNCIA MOTORA E ATIVIDADE FÍSICA  
DESENVOLVIMENTO NEUROPSICOMOTOR NA MÚSICA  
ATIVIDADE NEUROPSICOMOTORA, CRIATIVIDADE E JOGOS

#### **AULA 6**

PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL E OS PROCESSOS PSICOLÓGICOS  
PSICOMOTRICIDADE E NEUROCIÊNCIAS  
PSICOMOTRICIDADE E NEUROPSICOLOGIA  
PSICOPEDAGOGIA E NEUROPSICOMOTRICIDADE  
PSICOLOGIA DO COMPORTAMENTO, ADAPTAÇÃO, APRENDIZAGEM E PSICOMOTRICIDADE

#### **BIBLIOGRAFIAS**

- COSENZA, R.; GUERRA, L. Neurociência e educação. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GAZZANIGA, M. S. Ciência psicológica: mente, cérebro e comportamento. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 314 – 341.
- HOLANDA, V. N. et al. As bases biológicas do medo: uma revisão sistemática da literatura. Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia, v. 1, n. 3, 2013.

#### **DISCIPLINA:**

TECNOLOGIAS ASSISTIVAS

#### **RESUMO**

Iremos discutir alguns aspectos históricos e conceituais acerca das tecnologias de uma forma geral, para que possamos refletir sobre as tecnologias assistivas, que se mostram como artefatos que viabilizam autonomia e acessibilidade para pessoas com deficiência. Ao tratar dessa temática, é importante pensar sobre o papel da tecnologia no nosso próprio

cotidiano, na sociedade e nas diferentes culturas. Da mesma forma, é necessário compreender o quanto os recursos tecnológicos influenciam nossas vivências, nossos relacionamentos e as formas de interagirmos uns com os outros.

### CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

#### **AULA 1**

O QUE É TECNOLOGIA ASSISTIVA?  
BREVE HISTÓRICO DA TECNOLOGIA ASSISTIVA  
TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO  
DESENHO UNIVERSAL

#### **AULA 2**

CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL  
LEI BRASILEIRA DE INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA  
EDUCAÇÃO ESPECIAL NA LEGISLAÇÃO  
DOCUMENTOS INTERNACIONAIS

#### **AULA 3**

SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS  
AEE PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA  
AEE PARA ESTUDANTES COM TEA  
AEE PARA ESTUDANTES COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

#### **AULA 4**

DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E TECNOLOGIA ASSISTIVA  
COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA E AUMENTATIVA  
SISTEMAS GRÁFICOS  
DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS E SISTEMAS PARA CAA

#### **AULA 5**

ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE  
AUDIODESCRIÇÃO E CÃO-GUIA  
PRODUTOS DE ALTA TECNOLOGIA E DEFICIÊNCIA VISUAL  
TECNOLOGIA ASSISTIVA NA ÁREA DA SURDEZ

#### **AULA 6**

ÓRTESES  
PRÓTESES E MEIOS AUXILIARES DE LOCOMOÇÃO  
ADAPTAÇÕES NO COMPUTADOR  
PROJETOS ARQUITETÔNICOS PARA ACESSIBILIDADE

### BIBLIOGRAFIAS

- FELIPE, A. A. C. Reflexões sobre as mudanças sociais motivadas pelo desenvolvimento tecnológico: a necessidade de instituir uma reflexão ética na utilização das tecnologias da informação e comunicação. *Biblionline*, João Pessoa, v. 8, n. 2, 2012.
- FERREIRA, A. B. H. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2010. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/>.
- POKER, R. B.; OMOTE, S. (Org.). *As tecnologias nas práticas pedagógicas inclusivas*. Marília/SP: Cultura Acadêmica, 2012. p. 65-92.

<b>DISCIPLINA:</b> FUNDAMENTOS LEGAIS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL
<b>RESUMO</b>
Neste material os seguintes assuntos serão abordados: análise do conceito de deficiência, diferença e diversidade e os discursos de normal, normalidade e anormal, inclusão e exclusão. Estudo dos princípios emanados pela Declaração Mundial de Educação para Todos, Declaração de Salamanca, Convenção de Guatemala, Declaração de Jomtien, Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência; análise das últimas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional; Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva e definição das terminologias utilizadas para o público-alvo da Educação Especial.
<b>CONTEÚDO PROGRAMÁTICO</b>
<b>AULA 1</b> DISCURSOS DE NORMAL E ANORMAL – HISTÓRICO O CONCEITO DE NORMALIDADE NAS DIFERENTES CULTURAS INCLUSÃO E EXCLUSÃO OS PADRÕES DA SOCIEDADE A DIVERSIDADE E O RESPEITO AO DIFERENTE
<b>AULA 2</b> BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL PERSPECTIVA ASSISTENCIALISTA SEGREGAÇÃO EDUCATIVA E SOCIAL MARCOS LEGAIS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL ORGANIZAÇÃO ATUAL
<b>AULA 3</b> AS PRIMEIRAS CONQUISTAS LEGAIS LEI N. 4.024, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1961 A CONSTITUIÇÃO DE 1988 LDB 9.394/96 – GARANTIAS PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL LEI 12.796/2013
<b>AULA 4</b> DECLARAÇÃO MUNDIAL DA EDUCAÇÃO PARA TODOS DECLARAÇÃO DE SALAMANCA CONVENÇÃO DA GUATEMALA DECRETO N. 3.956/2001 CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA
<b>AULA 5</b> POLÍTICA NACIONAL DA EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA INCLUSIVA DIREITOS DAS PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) LIBRAS ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO TERMINOLOGIAS UTILIZADAS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

**AULA 6**

DECRETO N. 5.626/2005  
NOTA TÉCNICA N. 46/2013  
NOTA TÉCNICA N. 06/2011  
NOTA TÉCNICA N. 09/2010  
APARECER TÉCNICO N. 71/2013

**BIBLIOGRAFIAS**

- CAMARGO, E. P. de. Inclusão social, educação inclusiva e educação especial: enlases e desenlaces. Ciênc. Educ., Bauru, v. 23, n. 1, p. 1-6, 2017.
- THOMA, A. da S. Entre normais e anormais: invenções que tecem inclusões e exclusões das alteridades deficientes. In: PELLANDA, N. M. C.; SCHLÜNZEN, E.; SCHLÜNZEN, K. (Orgs.). Inclusão digital: tecendo redes afetivas/cognitivas. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

**DISCIPLINA:**

CURRÍCULO E DIDÁTICA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

**RESUMO**

Para que entender melhor e planejar nossas ações diante dos processos inclusivos no cenário contemporâneo, faz-se necessária a compreensão de alguns aspectos do percurso da Educação Especial no Brasil, isto é, quem são os agentes nesse processo, quais são as bases curriculares e o que podemos definir como Educação Especial. Desse modo, apresentamos algumas considerações relacionadas à breve contextualização histórica da Educação Especial no Brasil, como essa prática se configura na contemporaneidade, o papel da escola nesse cenário, como se apresentam planejamento, currículo e administração escolar e, ainda, quais são as estratégias da didática e da ação docente na Educação Especial inclusiva.

**CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

**AULA 1**

O BRASIL E A EDUCAÇÃO ESPECIAL  
EDUCAÇÃO ESPECIAL NA CONTEMPORANEIDADE  
COMO A ESCOLA PODE SER EFICAZ PARA TODOS: PLANEJAMENTO E CURRÍCULO ESCOLAR  
DIDÁTICA E AÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA  
A EDUCAÇÃO ESPECIAL COMO ESTÍMULO ÀS TROCAS DE APRENDIZAGENS

**AULA 2**

CONCEITOS DE TGD E TEA  
O TGD SEGUNDO ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS  
PLANEJAMENTO, CURRÍCULO ESCOLAR E TGD  
DIDÁTICA, AÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA E TEA  
A EDUCAÇÃO ESPECIAL E O TEA: ALÉM DA SALA DE AULA

**AULA 3**

TIPOS DE TDAH  
AMOS CONVERSAR SOBRE HIPERATIVIDADE, DESATENÇÃO E IMPULSIVIDADE?  
CARACTERÍSTICAS NA ESCOLA  
ATITUDES EM SALA PARA OS PROFESSORES E PAIS  
LEGISLAÇÃO: PROJETO DE LEI

**AULA 4**

VOCÊ CONHECE OS SURDOS?  
DEFICIÊNCIA FÍSICA. VAMOS CONVERSAR SOBRE ISSO!  
DEFICIÊNCIA VISUAL  
V  
APRENDER A INCLUIR: UM DOS EXERCÍCIOS DE CIDADANIA

**AULA 5**

ALTAS HABILIDADE/SUPERDOTAÇÃO: CONCEITO  
CARACTERÍSTICAS DO INDIVÍDUO COM ALTAS HABILIDADES / SUPERDOTAÇÃO:  
ESCOLA  
LEGISLAÇÃO: LEI Nº 12.796, DE 2013  
E COMO FICA O EMOCIONAL?  
PESSOAS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO EM NOSSA SOCIEDADE

**AULA 6**

CURRÍCULO FUNCIONAL NA INCLUSÃO E NA EDUCAÇÃO ESPECIAL  
ESCOLA INCLUSIVA  
DIDÁTICA E AÇÃO DOCENTE PARA O PLANEJAMENTO DO CURRÍCULO FUNCIONAL  
ATIVIDADES DE VIDA DIÁRIA E ATIVIDADES DE VIDA PRÁTICA  
O QUE SÃO AS TECNOLOGIAS ASSISTIVAS?

**BIBLIOGRAFIAS**

- CARVALHO, R. E. Educação inclusiva: com os pingos nos "is". 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- ESTANISLAU, G. M.; BRESSAN, R. A. Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber. São Paulo: Artmed, 2014.
- MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar – O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Summus, 2015.

**DISCIPLINA:**

TEORIA E PRÁTICA DA TRADUÇÃO

**CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

**AULA 1**

O QUE É TRADUÇÃO?  
TEXTO ORIGINAL VERSUS TEXTO TRADUZIDO  
QUESTÕES DE AUTORIA  
FIDELIDADE E A QUESTÃO ÉTICA NA TRADUÇÃO  
RESSIGNIFICAR O "INTRADUZÍVEL"

**AULA 2**

A GRÉCIA ANTIGA E A SOBERANIA DA LÍNGUA GREGA  
ROMA ANTIGA: O EXERCÍCIO DA TRADUÇÃO  
A IDADE MÉDIA E A NECESSIDADE DE TRADUÇÃO  
O RENASCIMENTO E A TRADUÇÃO COMO ALIMENTO PARA AS LÍNGUAS  
VERNÁCULAS  
AS BELAS INFIÉIS E O DOMÍNIO FRANCÊS

**AULA 3**

A TRADUÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO ALEMÃ  
A BILDUNG ALEMÃ  
UM POUCO DA HISTÓRIA DA TRADUÇÃO NO BRASIL  
A TRADUÇÃO LITERÁRIA NO BRASIL  
HAROLDO DE CAMPOS, A ARTE E A REFLEXÃO DA TRADUÇÃO

**AULA 4**

TRADUÇÃO LITERÁRIA  
TRADUÇÃO DE TEXTO TEATRAL  
TRADUÇÃO PARA CINEMA  
TRADUÇÃO TÉCNICA  
INTÉRPRETE

**AULA 5**

BREVE REFLEXÃO SOBRE O FUNCIONALISMO ALEMÃO  
MODELO NORD  
A APLICAÇÃO DO MODELO NORD  
O MODELO NORD E A REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE A TRADUÇÃO  
TABELA DE APLICAÇÃO

**AULA 6**

O USO DO(S) DICIONÁRIO(S) NA TRADUÇÃO  
DIFERENTES TIPOS DE DICIONÁRIOS  
GOOGLE E GOOGLE TRADUTOR  
SITE REVERSO  
LEXILOGOS